

*PARAPLEIN É PRECISO: OS DRAMAS DE CENARE DOMI*  
SEGUNDO MARCIAL E LUCIANO<sup>1</sup>

*PARAPLEIN WE MUST: THE DRAMAS OF CENARE DOMI*  
ACCORDING TO MARCIAL AND LUCIAN

MARIA JOSÉ FERREIRA LOPES  
Universidade Católica Portuguesa – Braga  
Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais  
Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos  
mjlopes@ucp.pt

**RESUMO:** O parasita, movido pela gula e pela preguiça, cedo irrompeu na literatura da Antiguidade Clássica, refletindo um tipo comum a várias sociedades e épocas. A interação constante entre literatura e sociedade, epitomizada pela Comédia, mas patente também na influência permanente dos poemas homéricos, gerou debates filosóficos e fixou na memória figuras parasíticas, de que se destacam o *kolax* grego e o *parasitus* romano. As mudanças operadas na sociedade romana pelo advento do regime imperial, em paralelo com o primado da riqueza e do luxo, criaram novos contextos para o parasita, nomeadamente ao desvalorizarem o estatuto tradicional do *cliens* e tornarem o convite para jantar com alguém rico e poderoso num objetivo existencial. Em tempos bastante próximos, os autores satíricos Marcial e Luciano de Samósata refletiram de forma convergente sobre esta escravidão (*seruitium*) socialmente imposta e passivamente aceite, elaborando uma espécie de patologia tragicómica da *Vrbs* (Damon 1997), e sublinhando que só o desprendimento e a sobriedade trariam a liberdade.

**Palavras-chave:** *Kolax/parasitus*; *clientela*; Marcial; Luciano de Samósata.

**Abstract:** The parasite, driven by gluttony and laziness, surfaced very early in the literature of Classical Antiquity, reflecting a type common to various societies and eras. The constant interaction between literature and society, epitomised by the Comedy, but also evident in the permanent influence of the Homeric poems, generated philosophical debates and fixed in the memory parasitic figures, of which the Greek *kolax* and the Roman *parasitus* stand out. The changes in Roman society brought about by the advent of the imperial regime, along with the prevalence of wealth and luxury, created new contexts for the parasite, namely by devaluing the traditional status of the *cliens* and turning an invitation to dine with someone rich and powerful into a life purpose. In very close times, the satirical authors Martial and Lucian of Samosata reflected in a convergent way on this socially imposed and passively

---

<sup>1</sup> A Autora discorda do AO90, mas aplicou essa grafia por ser essa a determinação do Conselho Editorial da IUC.

accepted slavery (*seruitium*), elaborating a sort of tragic-comic pathology of the *Vrbs* (Damon 1997), and emphasizing that only detachment and sobriety would bring freedom.

**Keywords:** *Kolax/parasitus*; *clientela*; Martial; Lucian of Samosata.

### 1. DE IRO AO KOLAX E AO PARASITUS-CLIENS

É pela mão de Homero que o parasita entra na nossa memória cultural. No canto 18 da Odisseia, certamente refletindo mais a experiência do século VIII a. C. do que a do XII a. C., o mendigo (*ptochos*) Arneu – anti-herói na linha do malévolo e repulsivo Tersites – inaugurou e cristalizou alguns dos traços fundamentais do comilão parasítico:

1 Foi então que chegou um mendigo lá da terra, que na cidade de Ítaca mendigava seu sustento. Era conhecido pelo estômago insaciável: comia e bebia sem cessar. Faltava-lhe força e energia, mas de corpo parecia um homem possante.

5 Seu nome era Arneu, pois assim lhe chamara a excelsa mãe Desde o nascimento. Mas os rapazes de Ítaca chamavam-lhe Iro, porque levava recados sempre que lhe era pedido. Chegara com a intenção de expulsar Ulisses da sua própria casa; E injuriando-o proferiu palavras apetrechadas de asas.

10 “Põe-te a andar, ó velhote, daí da porta, antes que sejas arrastado pelos pés. Não vês que todos me piscam o olho, incitando-me a arrastar-te? Cá por mim tenho vergonha. Vá, desaparece, senão a nossa contenda ainda acaba ao murro.  
[...]

75 Assim falavam; mas a coragem de Iro estava muito abalada. Mesmo assim os servidores apanharam-lhe a roupa à força E levaram-no, aterrorizado. As carnes tremiam-lhe nos membros.  
[...]

95 Ao levantarem as mãos, Iro bateu-lhe no ombro direito, Mas Ulisses atingiu-o no pescoço, debaixo da orelha, E estilhaçou-lhe os ossos: da boca de Iro correu logo o rubro Sangue. Caiu no chão com um mugido e rangeu os dentes Esperneando com os pés contra a terra. Mas os pretendentes  
100 orgulhosos, levantando as mãos, morriam a rir...  
[...]

114 Antínoo: “[Ó estrangeiro] tu puseste termo à mendicância daquele insaciável Cá na ilha; pois em breve o mandaremos para o continente, Para o rei Équeto, mutilador de todos os homens.”<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Tradução de Frederico Lourenço.

Dominado pela preguiça, glutão e bebedolas, Arneu, em vez de trabalhar, mendigava o seu sustento por todas as portas de Ítaca; para manter a primazia no palácio, e traíndo os legítimos donos, adulava os grosseiros e também parasíticos pretendentes, cumprindo tarefas como a entrega de recados, o que lhe valeu o cognome irónico de Iro, derivado da mensageira dos deuses, Íris. É persistente na defesa da sua posição através de afrontas e insultos, expondo uma personalidade oportunista e antipática; por isso, ignorando a perda da sua própria dignidade, assume o desejo mórbido dos pretendentes de assistirem a uma luta degradante entre ele e Ulisses. Contudo, o seu físico, apesar de corpulento graças à vida preguiçosa, era comandado por um espírito medroso e incapaz – defeito inaceitável numa sociedade guerreira. Derrotado com um só golpe, fica inconsciente, convulsivo e ensanguentado, uma fragilidade que excita a troça e a selvajaria dos pretendentes, e lhe reserva um fim terrível às mãos de um psicopata.

Com o seu oportunismo grosseiro, o *ptochos* Iro não representa todo o requinte atingido pelo *kolax*, o adulator e *factotum* que aparece intermitentemente no registo literário desde o século VI a. C., até se notabilizar na Comédia Nova, depois da forte politização sob a pena de Aristófanes<sup>3</sup>. Na vida real da Atenas clássica, o *kolax* podia ser um homem livre que prestava serviços a alguém mais poderoso, refletindo também os contrastes entre o *modus vivendi* aristocrático e a maior igualdade típica da democracia. A instituição da *kolakeia* acabava sendo similar à *clientela* romana tradicional, mas criava receios devido à bajulação, e conseqüente falta de verdade, que caracterizava o comportamento do *kolax* “canónico”<sup>4</sup>. Estas circunstâncias, em interação permanente com a tradição teatral, criaram uma imagem negativa da *kolakeia*, como conta Xenofonte nos *Memorabilia*<sup>5</sup>, e motivaram a reflexão de filósofos como Aristóteles, que sublinhavam acima de tudo os perigos do discurso enganador típico do sofisticado *kolax*<sup>6</sup>.

O teatro romano, profundamente influenciado pela Comédia Nova, glossou e adaptou o *kolax* ao contexto latino, aproveitando também a herança do teatro popular<sup>7</sup>. As capacidades miríficas deste “sanguessuga” – normalmente um escravo – usadas tanto para desencantar uma refeição, como para ajudar o

---

<sup>3</sup> Edwards 2010: 303-307.

<sup>4</sup> Edwards 2010: 308.

<sup>5</sup> Xenofonte (*Memorabilia*, 2. 9) relata que um homem rico, Crito, atormentado por processos absurdos, consegue, ao proteger um homem pobre mas culto e hábil, Aristodemo, fazer dele um defensor que afastava os inimigos no seu próprio jogo forense. Aristodemo é semelhante aos cães com que o rico protegia os seus rebanhos: competente e capaz, mas demasiado pobre e falto de iniciativa para enriquecer sozinho. Curiosamente, Crito contratou-o a conselho de Sócrates, mas o sucesso de Aristodemo é criticado por alguns, que o acusam de se comportar como um *kolax*.

<sup>6</sup> Fisher 2008: 194-197.

<sup>7</sup> E.g. *Manducus* e *Dossenus* das *Atellanae*.

seu senhor a resolver problemas difíceis<sup>8</sup>, acabou por tornar o Parasita na personagem por excelência da comédia romana<sup>9</sup>. Nos *Captivi*, de Plauto, Ergásilo define, de forma algo metateatral e com uma autocrítica inacessível a um Iro, o seu tipo:

Mas, caramba, a verdade é que nós, parasitas, somo-lo ainda mais: a nós nunca ninguém convida ou invoca [ao contrário da cortesã]. Somos uma espécie de ratos: alimentamo-nos sempre de comida alheia. Quando os negócios são suspensos, quando os homens vão para o campo, logo são suspensas as actividades para os nossos dentes. | Assim como, quando aquece, os caracóis permanecem ocultos na casca e vivem das suas próprias reservas, se não cair orvalho, da mesma forma, suspensos os negócios, os pobres parasitas permanecem ocultos, sobrevivendo com as suas reservas, enquanto no campo se veraneiam os homens que os alimentariam. | Suspensos os negócios, nós, os parasitas, somos como cães de caça; mas quando eles recomeçam, somos como molossos, desagradáveis e muito incómodos. E neste ponto, na verdade, cos diabos!, se não se é um parasita que ature umas bofetadas e que permita que lhe partam umas marmitas na cabeça, | o melhor que tem a fazer é ir para fora da Porta Trigémica, com o saco<sup>10</sup>.

Os *caveats* inerentes à vida de um parasita escravo, sublinhados pelo aviso feito ao escravo esfomeado Fanisco, *cibo perduci poteris quouis* – “com comida como engodo, pode ser-se conduzido a qualquer lugar”<sup>11</sup> –, tornaram-se válidos para os cidadãos livres com a evolução da realidade social romana resultante do fim da República e implantação do regime imperial. A riqueza tornou-se o único meio de conferir respeito – “Seule la fortune confère à un homme son honorabilité”<sup>12</sup> –, o que alterou a relação dos clientes com os seus patronos, sistema basilar da sociedade romana, tornando-a mais dependente e submissa. Como sublinha Cynthia Damon, em autores latinos como Marcial, o parasita transformou-se num símbolo dos aspetos doentios da relação patrono-cliente. A análise da figura do parasita acaba por possibilitar uma espécie de patologia do patrocínio romano<sup>13</sup>. Com efeito, a sociedade flaviana patenteia as consequências das mudanças políticas provocadas pelo Principado: a importância dos clientes diminuía consideravelmente, pois tinham deixado de contar na vida política e por isso foram desvalorizados como cidadãos; os patronos, agora

---

<sup>8</sup> Casos exemplares são as personagens Curculio e Pseudolus, protagonistas das comédias respetivas.

<sup>9</sup> “The ‘funny’ man par excellence of Roman comedy”, Duckworth 1971: 265.

<sup>10</sup> vv. 75-91. Tradução da edição Plauto (2006).

<sup>11</sup> Plauto, *Mostellaria*, 888, tradução adaptada minha.

<sup>12</sup> Robert 2004: 58.

<sup>13</sup> Damon 1997: 8 e 2.

“grandes homens”, por vezes de origem servil, dominados pelo luxo e por uma vaidade acentuada pela bajulação, careciam das virtudes e do sentido cívico dos seus predecessores republicanos<sup>14</sup>.

Além da perda de consideração pessoal e social, as recompensas eram também menores, deixando os clientes pobres encurralados na sua condição. Como aponta Marcial – ele próprio um cliente *togatus*, coagido a fazer a trabalhosa e humilhante *salutatio* matinal, multiplicada pelo número de patronos – num epigrama que, significativamente, é apenas um dístico: *Semper pauper eris, si pauper es, Aemiliane: / dantur opes nullis nunc nisi diuitibus*<sup>15</sup>. Incomodado pela desvalorização do merecimento<sup>16</sup>, o poeta, no dístico inicial do epigrama 5. 13, contrapõe o seu prestígio meritório à riqueza boçal cada vez mais frequente: *Sum, fateor, semperque fui, Callistrate, pauper, / sed non obscurus nec male notus eques, / sed toto legor orbe frequens et dicitur “Hic est”*<sup>17</sup>.

Participar num lauto jantar é crucial, quer como gesto de reconhecimento por parte dos poderosos, quer para ser visto e contactar com outras figuras importantes. Por outro lado, os anfitriões desejavam exhibir a sua opulência e incluíam certos convidados nos acessórios a exhibir, num jogo permanente de aparências que se tornara na característica mais relevante da cena social da Roma imperial, em que o anfitrião supremo era o César. O afã e a arte da gula – patentes na sumptuosidade de comidas e adereços – tinham sido incrementados e refinados no quadro da introdução do luxo helenístico, simbolizado pelos excessos de um dos seus principais divulgadores, o notável político e general do séc. I a.C. (118 – 57/56 a. C.) Lúcio Licínio Luculo, jocosamente designado como *Xerxes togatus* pelo seu inimigo Pompeio, o Grande, a propósito da sofisticação dos seus viveiros de peixes<sup>18</sup>.

Mais de um século depois de percursos como Luculo, o poeta Marco Valério Marcial<sup>19</sup>, que fixou o retrato da sociedade romana do tempo dos Flávios e início dos Antoninos, dedicou bastantes *Epigramas* aos exageros ostentatórios e efémeros da mesa e ao comportamento dos parasitas sôfregos, ansiosos por iguarias raras e acompanhados do seu guardanapo-*tupperware*, todos em total contradição com a sobriedade do *mos maiorum*. E associou-lhes tópicos tornados candentes na nova sociedade imperial: os anfitriões que discriminavam e humilhavam os convidados, ou os constroem a adulá-los e a ouvir leituras das

---

<sup>14</sup> Robert 2004: 60.

<sup>15</sup> 5. 81. “Sempre pobre serás, se pobre és, Emiliano./ Agora não se dão bens a ninguém, senão aos ricos.” As traduções de epigramas de Marcial aqui apresentadas pertencem à edição Marcial (2000-2004).

<sup>16</sup> Sullivan 2004: 161.

<sup>17</sup> “Sou, reconheço-o, e sempre fui, Calístro, pobre,/ mas não um cavaleiro ignorado nem malvisto, / mas sou lido em todo o mundo e não raro se diz: ‘Aqui está ele’.”

<sup>18</sup> Plínio, *Naturalis Historia*, 9. 80.

<sup>19</sup> Augusta Bilbilis, hoje Calatayud, entre Março de 38 – 41 e cerca de 102-104.

suas obras; o intrincado jogo de interesses e obrigações subjacente aos convites, dificilmente recusáveis e cuja inexistência era também *per se* humilhante.

Tais lautos banquetes eram afinal um atentado à liberdade das pessoas. Mesmo assim, alguns “*cenarum bonarum adsectatores*”<sup>20</sup> – “amantes de bons jantares” –, para quem *cenare domi* é uma derrota, fazem ponto de honra de nunca jantar em casa, e por isso tornam-se adutores incansáveis, indiferentes à degradação pública a que se submetem. Exemplo disto, entre muitos, é Menógenes:

12. 82 Nas termas e à volta dos banhos, é impossível evitar Menógenes, mesmo que com toda a astúcia o queiras.  
Vai buscar a bola tépida com a direita e a esquerda  
Para contar a teu favor as bolas apanhadas.  
Vai recolher e trazer-te a bola mole do meio do pé,  
Mesmo já lavado, já calçado que seja.  
Se pegas nas toalhas, dirá que são mais brancas que a neve  
mesmo que mais sujas que o bibe de um menino.  
Penteias os cabelos ralos com um pente de marfim;  
Ele dirá que compões a tua cabeleira de Aquiles.  
Dar-te-á a beber ele próprio borra de uma ânfora fumosa  
e limpará sem cessar o suor da tua fronte.  
Tudo há-de louvar, há-de admirar tudo, até que...  
Tu, farto já de mil chatices, lhe digas “Anda jantar!”

## 2. DA LIBERDADE GREGA À SERVIDÃO ROMANA, SEGUNDO LUCIANO

Esta realidade afetava também os gregos que se integravam no sistema romano, e se viam além disso confrontados com o vetusto preconceito anti-*grae-culi*. Luciano de Samósata, já em pleno século II, mas sempre com o mundo homérico bem presente, estava plenamente consciente desta situação: abordou-a em duas obras “sérias” – *Peri ton epi mistho sunonton* ou *De Mercede conductis*, e *Nigrinou Philosophia* ou *Nigrinus*<sup>21</sup> –, onde expôs o *seruitium* que dominava a sociedade romana, ilustrando o mau viver de todos aqueles que se deixavam aprisionar pela máquina trituradora da relevância social. A colação entre os epigramas de Marcial – nomeadamente os referentes ao parasita Sélio – e estas obras de Luciano, escritas menos de um século depois, revela grandes semelhan-

---

<sup>20</sup> Séneca, *Epist.* 122, 12.

<sup>21</sup> Estas obras de Luciano serão citadas através da recente tradução feita por Custódio Magueijo (2013), onde, respetivamente, *De Mercede conductis – Contra os Assalariados dos Grandes* – se encontra no vol. IV (pp. 17-54), e *Nigrinus – Nigrino* – no VI (79-102). Quanto ao também citado *Peri Parasitou*, ou *De parasito*, situa-se no vol. III (175-217).

ças: os dramas da tóxica sociedade do poeta de BÍlbilis persistiam nos tempos do escritor de Samósata, mesmo sob Césares do calibre de Marco Aurélio.

*Nigrinus* aborda de forma mais geral o *status quo* da capital do império. Depois de elogiar Atenas como terra livre, porque sóbria e desprovida de ambições, capaz até de educar civicamente um luxuoso romano que incomodou a cidade com a sua enorme *entourage*, o narrador – que transmite o pensamento do filósofo Nigrino, instalado *in situ*, na Cidade Eterna – procede à “patologia” da *Vrbs*. O amor à riqueza e o uso da bitola dos objetos preciosos para medir todas as coisas é o ponto de partida da lisonja e da servidão: ora tudo em Roma lembra o luxo e a riqueza. A contemplação do enorme cortejo do “grande homem” a passar na rua e dos seus gestos de poder resulta no ridículo (parágrafo 21); mas ainda mais ridícula é a submissão dos clientes que desejam ardentemente ser por ele reconhecidos, sempre infelizes, mas incapazes de quebrarem o círculo vicioso, como se fosse uma dependência:

22. “No entanto, muito mais ridículos que estes [senhores] são aqueles que os visitam e os servem: levantam-se a meio da noite, percorrem toda a cidade, são rechaçados pelos criados e suportam ser tratados por cães, bajuladores e outros nomes do género. Como paga destas andanças tão desagradáveis para eles, ganham a ‘famosa’ (197) ceia, uma ceia ordinária e causadora de muitas desgraças, em que, tendo-se atafalhado de comida, tendo bebido para além do razoável, tendo tagarelado e dito mal do que não deviam, por fim saem irritados, maldizendo a ceia e acusando [o patrão] de insolência e mesquinhez (198). As vielas ficam cheias deles a vomitar e a alterar junto dos bordéis; e tendo-se quase todos deitado ao romper do dia, dão aos médicos a ocasião de fazer a ronda (199). Na verdade, alguns (200) – coisa muitíssimo estranha – nem têm vagar de estar doentes.”<sup>22</sup>

Para Nigrino, os maiores culpados da situação são os aduladores: sem a lisonja, a arrogância dos “grandes homens” desincharia (parágrafo 24). Mas ainda mais censuráveis são os filósofos-aduladores, pois a sua sabedoria dá-lhes maior responsabilidade, e a sua submissão é por isso ainda maior (parágrafo 25).

### 3. SÉLIO E O FILÓSOFO ASSALARIADO: VÍTIMAS DO ENGODO DO LUXO E DO PODER

É difícil não ver uma “prequela” deste cliente desenhado por Luciano – sumamente infeliz, mas viciado no luxo e no poder – nos epigramas dedicados

---

<sup>22</sup> Luciano 2013: VI. 94-95. Todos estes tópicos são abordados por Marcial nos seus *Epigramas*.

por Marcial a Sélío. Entre os numerosos papa-jantares do poeta – que incluem o próprio –, Sélío destaca-se, no livro II, pela insistência, sendo tema direto de três epigramas próximos<sup>23</sup>, e aludido num quarto<sup>24</sup> – sinal de que a figura teria conseguido chamar a atenção do poeta pela sua atitude excepcionalmente irritante.

Contudo, a forma como Sélío nos é apresentado no primeiro dos epigramas – o 11 – introduz uma novidade, e por isso uma variação, no habitual reportório de estratégias de caça e avidez alimentar: ele é dominado por uma angústia profunda e evidente ao ser colocado perante a inevitabilidade de jantar em casa.

Lá porque vês Sélío de cenho enevoado, Rufo,  
Lá porque tão tarde anda errante a polir esquinas no pórtico,  
Lá porque o seu rosto abatido cala qualquer coisa sinistra,  
Lá porque o seu nariz quase toca indecentemente o chão,  
Lá porque bate com a direita no peito e arranca os cabelos,  
Não chora o tipo a morte de um amigo ou de um irmão,  
Os dois filhos vivem e oxalá continuem a viver,  
A mulher está de saúde e os bens e os escravos,  
E o feitor e o caseiro em nada o defraudaram.  
Qual é então a causa da tristeza? Janta em casa.

Para transmitir a tristeza do homem, além da insistência veiculada pela anáfora, o poeta recorre a palavras e expressões típicas do luto: *nubila frons*, *lugubre quiddam*, *piger* (carrancudo) *uoltus* e sobretudo o espalhafatoso *dextra pectus pulsat et comam uellit*, típico das carpideiras. Acompanhando o raciocínio do destinatário Rufo e do leitor, o sujeito poético explica as circunstâncias particulares de Sélío: não chora – *non luget* – perdas profundas como a de familiares e amigos (numa gradação que começa no amigo e termina na mulher...); também não se enquadra no *tui Catulli plenus sacculus est aranearum*<sup>25</sup>: não é um homem pobre, como prova a subseqüente referência aos bens e escravos, mas sobretudo ao *uilicus* (administrador de uma *villa rustica*) e ainda mais ao *colonus* (caseiro) – sinal de que possuía terras, que certamente lhe forneciam meios para fazer um excelente jantar, sobretudo na linha do ideal do poeta. Não sendo a fome o problema, o que levaria este homem a uma tristeza tão pública – *maeror* –, inaceitável no quadro da *constantia* tradicional? A frase-chave que encerra o epigrama revela uma causa aparentemente fútil: *Domi cenat*. Será então apenas a gula e a conseqüente ânsia irreprimível por um jantar mais sofisticado? Talvez, não colocando a hipótese, nunca aventada pelo sujeito poético, de Sélío detestar a companhia da

---

<sup>23</sup> Marcial, *Epigrammata*, II, 11, 14, 27.

<sup>24</sup> Idem, II, 69.

<sup>25</sup> Catulo, *Carmina*, 13.

familia. Parece, no entanto, estar subjacente um desejo igualmente irreprimível, fruto da vaidade, de participar da companhia de figuras conhecidas.

O segundo epigrama<sup>26</sup> retoma a ideia do horror a *cenare domi*,

Sélio nada deixa de tentar, nada deixa de ousar,  
Sempre que se vê obrigado a jantar em casa.  
Corre ao pórtico de Europa e a ti, Paulino, e aos teus  
Pés de Aquiles enche de louvores, e sem parar.  
Se Europa nada ofereceu, dirige-se então aos Septa,  
A ver se o filho de Fílira e de Éson lhe valem.  
Daqui também desenganado, frequenta os templos de Mênfis  
E senta-se nas tuas cadeiras, ó triste novilha;  
Daqui dirige-se ao tecto suspenso sobre cem colunas,  
Dali aos dons da generosidade de Pompeio e ao duplo bosque;  
Não despreza os banhos de Fortunato e de Fausto  
Nem o antro tenebroso de Grilo, nem o eólico de Lupo:  
Pois, nas termas, se lava e volta a lavar.  
Quando tudo tentou, mas o deus foi desfavorável,  
Já lavado, volta de novo aos buxos da tépida Europa,  
A ver se algum amigo aí toma um caminho tardio.  
Por ti, lascivo raptor, e pela tua amada,  
Convida tu Sélio, peço-te, ó Touro, para o teu banquete.

O tema do epigrama é sonoramente estabelecido pela anáfora das duas partes do primeiro verso: *Nil intemptatum Selius, nil linquit inausum*. Como a forma verbal *Currit* – um presente que expressa a rotina, na sequência do advérbio *quotiens* do verso precedente – que inicia o segundo dístico sugere, o poema descreve a odisseia diária de Sélio em busca de um anfitrião<sup>27</sup>, durante a qual usará todos os truques de adulator experiente e desesperado. Para sublinhar a ânsia obsessiva do parasita, o sujeito poético encerra-o num circuito, iniciado por *Currit ad Europen* – onde tentou induzir Paulino, o destinatário do epigrama, com elogios homéricos: *tuosque laudat Achilleos, sed sine fine, pedes* – e concluído, no verso 15, com *ad Europes tepidae buxeta recurrit*. Durante esse longo périplo, Sélio percorreu quilómetros e tomou vários banhos – são referidas quatro termas, onde, aproveitando a rotina prévia à *cena*, procura em vão conhecidos –, e deixa ao deus-dará a família e os bens. A chegada final e descoroçoada aos jardins de Europa é o pretexto mitológico para o sujeito poético solicitar a Júpiter, o raptor da princesa fenícia, que leve Sélio a jantar – isto é, a morrer. Mais uma vez, Sélio

<sup>26</sup> Marcial, *Epigrammata*, II. 14.

<sup>27</sup> Supõe-se que, na altura da *salutatio*, não foi convidado pelo patrono ou patronos. Sobre o itinerário frustrantemente circular deste parasita pelos lugares mais frequentados da Cidade Eterna, cfr. Brandão 2012: 154-155.

ultrapassa os outros papa-jantares, e conquista alguma comisseração nossa com o seu esforço desesperado, que o leva a frequentar templos, com destaque para o de Ísis, famosa como padroeira de causas difíceis – *Hinc quoque deceptus Memphitica templa frequentat, / adsidet et cathedris, maesta iuuenca, tuis.*

Ainda diretamente seliano é o epigrama 27, composto apenas de dois dísticos, onde Sélío é mandado calar pelo sujeito poético por estar a exagerar nos elogios ruidosos a um advogado, com o propósito de obter dele um jantar: *facta est iam tibi cena.* Esta energia contrasta com o acabrunhamento do primeiro epigrama. A adulação é definida por uma metáfora das pescas: *cenae cum retia tendit.*

A Sélío, adulator, quando lança as redes ao jantar,  
Escuta-o, quer recites, quer advogues causas:  
‘Perfeito! De peso! Nem mais! Malicioso! Bravo! Muito bem!  
Era isso que eu queria!’. ‘Já tens o jantar no papo, vê se te calas’.

O último epigrama do grupo limita-se a aludir a Sélío – *cogitur et Selius* – que sobressai como uma espécie de lugar-comum dos adutores mentirosos, no contexto de um ataque a Clássico por fingir que não gosta de jantar fora:

Dizes que jantas fora, Clássico, contra vontade,  
Raios me partam, Clássico, se não mentes.  
Até o próprio Apício adorava sair para jantar:  
Se jantava em casa, ficava muito aborrecido.  
Se porventura vais contra vontade, porque vais, Clássico?  
‘Sou obrigado’ dizes. É verdade; é obrigado também Sélío.  
Eis que Mélior te convida, Clássico, para um jantar de arromba:  
As palavras grandiosas onde estão? Se és homem, anda, diz que não.

O verso final *grandia uerba ubi sunt? Si uir es, ecce, nega* aponta para o contraste *uir-seruus* e para o sentido degradante da participação numa *cena*, evocando o já citado aviso plautino.

No seu *De Mercede conductis* – mais uma oportunidade de ataque à hipocrisia dos filósofos –, Luciano introduz um exemplo do tipo verberado em *Nigrinus*. De novo, o narrador de Luciano (dirigindo-se ao amigo Timocles) parte da ideia de que o luxo é o engodo do filósofo (parágrafos 3 e 7), o que o torna merecedor do terrível destino que o espera e que, por absurdo, conquistou com muito esforço! Embora dirigidas a um grego, as críticas parecem visar os Sélios de Roma (parágrafo 9): além da gula, há o desejo irreprimível, fruto da ganância e da vaidade, de frequentar as casas e as figuras da alta sociedade. Mas como nunca conseguem cumprir as suas esperanças – aliás o sistema baseia-se na gestão de expectativas – pessoas assim merecem um castigo homérico (parágrafo 8). O percurso do filósofo assalariado-típico é depois analisado com pormenor: contratado como acessório de barba e manto por um senhor rico, após provas

longas e humilhantes que incluem um jantar catastrófico em que é o alvo de todas as atenções malévolas, ele é colocado ao nível dos clientes-parasitas (parágrafo 24). Segue-se depois uma vida miserável no meio de artefactos luxuosos (que o patrono e seus amigos acham que pagam tudo) e pessoas dúplices – com pobreza, fome, noites curtas, lisonja obrigatória, desconsiderações constantes –; vida essa que o deixa doente e precocemente envelhecido, até ser dispensado como mais um grego vicioso, no contexto de intrigas montadas *ad hoc*.

Luciano mostra que o destino dos gregos e dos romanos era o mesmo no contexto da servidão da *Vrbs*: como ele salienta, os senhores quebram o espírito dos clientes e assalariados com insultos e caprichos (parágrafo 35); antro de vícios, Roma era também a maior prova a que se podia submeter a virtude e a constância (parágrafo 36). Se não se tinha o desprendimento de um Nigrino, a única solução era o regresso à terra natal, seja ela BÍlbilis – que foi afinal uma desilusão para Marcial – seja Atenas, mãe de todos os gregos.

#### 4. SÍMON, UM PARASITA “FELIZ”

Mas haveria alguma felicidade reservada para um parasita ateniense, afastado da mortal feira de vaidades da capital do império? Apesar da evidente ironia, Luciano criou um parasita não apenas feliz, mas proselitista da sua “escola” filosófica, desprovida da ambição e cobiça dos filósofos tradicionais. Símon, o ardiloso teorizador do parasitismo, criado menos de um século depois de Marcial por Luciano de Samósata<sup>28</sup>, no seu diálogo satírico *Peri parasitou – De parasito*, apresenta uma definição esclarecedora de parasitismo, ou “Parasítica”: é a “arte relativa à comida e à bebida, bem como àquilo que se deve fazer e dizer a fim de as conseguir, e a sua finalidade é o prazer”<sup>29</sup>. De acordo com esta perspectiva parasitocêntrica, é o parasita que deve escolher criticamente o anfitrião, para ser bem entretido, e lançar-lhe competentemente o anzol; já na mesa, deve ultrapassar a todos pela capacidade de divertir o dono da casa, sem deixar de usufruir do momento. À oposição dos filósofos a tal arte, Símon contrapõe o “sábio Homero”, que defende uma vida de banquetes, através das palavras de Ulisses, o “mais sábio” dos homens<sup>30</sup>, cuja experiência de vida é, aliás, estoica. Em contraste com os filósofos, sempre acabrunhados por preocupações, o parasita apenas trata de encontrar um anfitrião-amigo; também não sofre com o cuidado dos bens e da família – esses refêns da fortuna e por isso causas de tris-

---

<sup>28</sup> C. 125 – depois de 180.

<sup>29</sup> Luciano 2013: vol. III, 194.

<sup>30</sup> Luciano 2013: vol. III, 193.

teza<sup>31</sup>. Na verdade, os filósofos são hipócritas, pois pregam a virtude e esforçam-se por encontrar anfitriões poderosos, mesmo que criminosos, como o tirano Dionísio, a quem parasitar. O envolvimento dos filósofos em atividades públicas e até criminosas leva-os a terem mortes violentas, enquanto o parasita vive e morre em paz, pois, além da mesa, apenas se interessa pelo ginásio: é por isso forte e corajoso na guerra, ao contrário do macilento filósofo, que foge ao combate<sup>32</sup>. É de novo no mundo homérico – que assumidamente até os menos cultos conheciam – que Símon vai buscar argumentos de autoridade: Nestor era o sumo parasita, mas eram-no também Idomeneu, Pátroclo – cuja bela morte demonstrou ser mais valente que o próprio Heitor – e Meríones<sup>33</sup>. Em momento algum é citado o genuíno parasita Iro, talvez por ser demasiado ganancioso. Por seu lado, o anfitrião, longe de ser explorado, precisa do parasita para ter companhia, proteção e até estadao, pois sozinho pareceria um simples vagabundo<sup>34</sup>. Assim, jantar acompanhado (*parasitein*) – tal como navegar acompanhado (*paraplein*), correr acompanhado (*paratrechein*), cavalgar acompanhado (*paripeuein*) ou atirar a lança acompanhado (*paracontizein*) – beneficia ambos<sup>35</sup>. Apesar da ironia de Luciano, é ostensivo o propósito da busca da felicidade através de uma filosofia de vida que prega o desprendimento quanto à reputação e à riqueza pessoal.

### 5. *HOMINEM SAPERE*<sup>36</sup>

Descontando os exageros retóricos, é a realidade enfrentada diariamente pelo frágil ser humano – *inbelles dammae quid nisi praeda sumus?*, “mas nós, gamos indefesos, que mais somos além de presa?”<sup>37</sup> – que interessa a Marcial. A observação do real, potenciada pela sátira, interpela os leitores e ajuda no aprofundamento do conhecimento íntimo de cada um – *tuos cognoscere mores [...] te scire* –, de forma a escolher o caminho mais digno e alcançar uma maior liberdade.

Apesar da evidente irritação que Sélvio causava ao poeta, os epigramas também sublinham o dramatismo da vida de um homem dominado, qual dependência, pela gula e pela vaidade e que abdica da felicidade genuína que estava ao seu alcance em casa. Esta autêntica servidão, absurda num homem livre e com bens,

---

<sup>31</sup> Luciano 2013: vol. III, 213.

<sup>32</sup> A comparação do parasita com os filósofos, pejorativa para estes, ocupa parte considerável da obra.

<sup>33</sup> Luciano 2013: vol. III, 206-209.

<sup>34</sup> Luciano 2013: vol. III, 215-216.

<sup>35</sup> Sobre este jogo de palavras, cfr. Luciano 2013: vol. III, 217, n. 554.

<sup>36</sup> “Ter sabor a homem”, adaptação do famoso verso *hominem pagina nostra sapit* – “a minha página tem sabor a homem” (10. 4).

<sup>37</sup> Marcial, *Epigrammata*, 13. 94

resulta da submissão ao sistema de clientela a que cidadãos como Sélío estavam presos. A única fuga possível era optar por uma *aurea mediocritas tunicata* – em túnica<sup>38</sup> – feita de pequenos prazeres e da re-ligação à vida campestre. No caso do poeta, a sua pequena quinta e sobretudo a saudosa *Hispania* natal pareciam-lhe oásis perfeitos<sup>39</sup>.

O mesmo desejo de *hominem sapere*, e alguma piedade, parecem subjacentes ao olhar de Luciano sobre o desgraçado filósofo assalariado de um “grande homem”. Importa-lhe elucidar as pessoas sobre as consequências das suas escolhas, nas quais, insiste, as divindades não têm qualquer parte. Quando assumida nos termos do sábio Nigrino – cujas palavras em prol da liberdade do homem teriam o efeito de induzir uma espécie de conversão e estão em absoluta coerência com os seus atos – a filosofia é benéfica e comporta um intuito moralizante. Contudo, a escolha final pertence ao homem.

---

<sup>38</sup> *Idem*, 10. 51

<sup>39</sup> Por exemplo, no longo e nostálgico epigrama 1, 49, dirigido a Liciniano, que regressava à *nostra Hispania*, apresentada como um paraíso por oposição aos tormentos da *Vrbs*.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

- Luciano de Samósata (2013), *Luciano*, vols. III, IV, VI, trad. do grego, introd. e notas de Custódio Magueijo, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Marcial (2000-2004), *Epigramas*, IV vols., trad. Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira, introd. e notas de Cristina de Sousa Pimentel, Edições 70, Lisboa.
- Plauto (2006), *Comédias*, vol. I, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

### Estudos

- Brandão, José Luís Lopes (2012), “Marcial e a Urbe: o meio físico e histórico-social dos epigramas”, in Pimentel, Cristina de Sousa; Brandão, José Luís & Fedeli, Paolo (coords.), *O poeta e a cidade no mundo romano*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 135-161.
- Damon, Cynthia (1997), *The Mask of the Parasite: A Pathology of Roman Patronage*, University of Michigan Press, Ann Arbor.
- Duckworth, George E. (1971), *The nature of roman comedy: a study in popular entertainment*, Princeton University Press, New Jersey.
- Edwards, Anthony T. (2010), “Tyrants and flatterers: *kolakeia* in Aristophanes *Knights* and *Wasps*”, in Mitsis, Phillip; Tsagalis, Christos (eds.), *Allusion, Authority, and Truth: Critical Perspectives on Greek Poetic and Rhetorical Praxis*, Walter de Gruyter, Berlin.
- Fisher, Nick (2008), “The bad boyfriend, the flatterer and the sycophant: related forms of the *KAKOS* in democratic Athens”, in Sluiter, Ineke; Rosen, Ralph Mark (eds.), *Kakos: Badness and Anti-value in Classical Antiquity*, Brill, Leiden/Boston, 185-231.
- Robert, Jean-Noel (2004), “Société et *Cultus* à l’époque de Martial”, in Brandão, José Luís L.; Pimentel, Cristina de Sousa; Leão, Delfim F. (eds.), *Toto notus in orbe Martialis. Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 49-68.
- Sullivan, J. P. (2004), *Martial: the unexpected classic. A literary and historical study*, Cambridge University Press, Cambridge.